

**ADOLESCÊNCIA, VIOLÊNCIA FÍSICA, FAMÍLIA E TRANSMISSÃO PSÍQUICA:
UM ESTUDO DE CASO**

Josemary Giraldi*
Francisco Hashimoto

Introdução

A família, ao longo dos tempos, assume ou renuncia papéis em resposta às necessidades da sociedade a que pertence atualmente, sendo que, atualmente, ela é detentora de grande força dentro do processo de civilização do indivíduo. Civilização, segundo Freud (1927-1931/1971), são as realizações e regulamentos que diferenciam nossas vidas da de nossos antepassados animais, e que servem tanto para proteger os homens contra a natureza quanto para ajustar os relacionamentos dos homens entre si.

A responsabilidade da família pelas necessidades básicas do indivíduo e a valorização da afetividade dentro do contexto familiar influencia a constituição psíquica do indivíduo e favorece sua identificação com a família.

Assim, dentro desta perspectiva, Eiguer (1985) afirma que a família é uma realidade inconsciente para cada membro, ou seja, por mais que se afirme que a família moderna está se fragmentando devido a divórcios, produções independentes ou qualquer outra forma de constituição e reorganização, ela se faz presente através de representações do vínculo e do coletivo grupal. Ainda segundo este autor, a família é composta de membros que tem, dentro do grupo, modalidades de funcionamento psíquico inconsciente diferentes de seu funcionamento individual.

Neste sentido, nos remetemos a Kaës (2001) com considerações referentes ao sujeito do grupo, sendo este o sujeito do inconsciente. Para este autor, “O grupo

precede o sujeito do grupo” (p.13), ou seja, cada indivíduo tem uma pré-história que ocorre antes mesmo de seu nascimento, sem a chance de escolher fazer ou não parte deste grupo já existente e sendo o grupo condição para a existência do indivíduo.

Desta forma, o funcionamento familiar é bastante complexo por abranger questões inconscientes e histórias diversas que se convergem, surgindo, assim, estudos referentes à transmissão psíquica, que é um processo inevitável que ocorre dentro da vida grupal e que, sem a utilização de palavras, diz muito sobre os movimentos e as relações familiares.

Os estudos sobre transmissão psíquica trouxeram novas reflexões para a compreensão da família, por meio da análise do funcionamento dos vínculos afetivos que contribuem de forma significativa na vida psíquica de cada pessoa.

Neste sentido, pensar na transmissão psíquica é considerar, antes do sujeito, os vínculos estabelecidos nas relações grupais, pois, segundo Piva (2006), são eles que moldam tanto a relação do sujeito com o objeto quanto o sujeito pulsional.

O aparelho psíquico elabora representações e simbolizações tanto em relação à distribuição dos vínculos estabelecidos quanto referentes à sua incidência com a realidade externa, existindo três espaços no aparelho psíquico que possibilitam um mundo diferenciado de acordo com o estímulo recebido. Piva (2006) define estes espaços como sendo o espaço intrapsíquico, intersubjetivo e o transubjetivo. Segundo esta autora, o primeiro se constitui no mundo interno do indivíduo, formado por suas fantasias e representações e depende do outro para existir, apesar de se mover independente da sua presença. O espaço intersubjetivo consiste na interação com o outro, inclusive com experiências de sentimentos como amor e ódio, sendo essencial a presença do outro, e o transubjetivo que é o espaço sociocultural, com contatos ligados às crenças, valores, ideologias, tragédias sociais, entre outros.

A existência destes três espaços psíquicos mostra-nos que há uma interação entre a subjetividade do indivíduo (suas fantasias e representações) com o meio social em que vive e com suas relações interpessoais, havendo, assim, seu desenvolvimento e a formação psíquica.

Assim, na perspectiva apresentada, o sujeito não é visto de forma singular e sim como aquele que faz parte de uma rede intersubjetiva, de um espaço intersubjetivo. Segundo Kaës (2005), centralizar-se no vínculo permite conhecer a realidade psíquica, que constitui o espaço intersubjetivo de cada sujeito, possibilitando, assim, conhecer também sua relação com a organização do espaço intrapsíquico de cada um.

Quando falamos de transmissão, segundo Kaës (2005), fazemos menção à “realidade psíquica que se transporta, desloca-se ou transfere-se de um sujeito para outro, entre eles ou por meio deles, ou em vínculos de um conjunto, quando a matéria psíquica transmitida transforma-se ou permanece idêntica, nessa passagem.” (p. 134)

Em se tratando da relação entre pai e filho, que é o foco deste trabalho, torna-se necessário diferenciarmos o pai real do pai simbólico. Esta diferenciação, originalmente teorizada por Lacan, está sucintamente apresentada por Dor (1991), que afirma que a noção de pai em psicanálise não está vinculada exclusivamente ao pai encarnado e sim simbólico, que ordena uma função. Segundo este autor, este pai simbólico é universal e independe de sexo, não havendo, então, vínculo com o papel de genitor e dependendo apenas de sua representação simbólica, sendo o pai real o representante do pai simbólico.

Outro conceito essencial a partir da transmissão psíquica é o de identificação que, para Kaës (2005, p. 131), “são a matéria prima do vínculo.”

Segundo Laplanche e Pontalis (1998), identificação é a assimilação que um indivíduo faz de algo do outro, por meio de um processo psicológico, e o transforma de acordo com seu próprio modelo, de forma total ou parcial. Para estes autores, a constituição e a diferenciação da personalidade ocorre através de diversas identificações, ou seja, é por meio de assimilações e transformações de características do outro que se constitui a personalidade, o que torna a identificação um processo psíquico essencial para a constituição do indivíduo.

Ao pensarmos no atual ideal de família existente na sociedade, podemos afirmar que o processo de identificação ocorre diretamente dos filhos em relação aos pais, pois são estes os responsáveis pela educação das crianças e dos adolescentes. Portanto, a postura que os pais tomam diante da vida, seja no âmbito social, pessoal ou afetivo, reflete diretamente na constituição de seus filhos como indivíduos. As relações aí estabelecidas formam a base das relações que os filhos estabelecerão com o meio. Assumindo tal princípio é possível afirmar que o ato violento dos pais contra os filhos afeta, de algum modo, a formação da personalidade destes.

Apoiamos estas reflexões nos dados parciais obtidos em estudo de caso de uma dissertação de mestrado; dados parciais estes também encontrados no capítulo do livro “Família, Violência e Políticas Públicas: pesquisas e práticas”.

O adolescente cujo caso será discutido é integrante de um projeto social que atende crianças e adolescentes vítimas de violência, desenvolvido em um município do interior do Paraná. Dentre os cinquenta indivíduos atendidos, seis são adolescentes do sexo masculino que sofrem violência física, sendo que apenas um é

agressão cometida pela mãe; os outros são (ou foram) agredidos por pessoas que representam a figura paterna, seja pai biológico, padrasto ou avô.

Objetivos

O objetivo principal deste trabalho é realizar uma leitura dos significados da violência familiar presente em um adolescente do sexo masculino que sofreu agressão física por parte do pai, considerando a sua história familiar e o processo de transmissão psíquica entre as gerações. Os objetivos específicos são conhecer o significado de família e de paternidade na visão do adolescente participante, além de sua história familiar, a partir de sua própria construção. Também visamos compreender a influência da figura paterna e da violência sofrida na formação dos significados de masculinidade do adolescente em questão, como a violência emerge na família do participante e compreender como a violência foi ou não transmitida em suas gerações.

Métodos

Através de uma pesquisa qualitativa, os dados foram obtidos a partir de entrevistas semi-estruturadas e da produção de um genossociograma, considerando a constituição familiar em três gerações.

O genossociograma consiste no mapeamento das configurações familiares, sendo uma representação gráfica das diversas gerações de uma família. Esta representação se dá por meio de círculos e quadrados, simbolizando respectivamente indivíduos do sexo feminino e masculino, além das uniões feitas e desfeitas e dos filhos originários delas.

A análise dos dados se dá a partir de categorizações construídas a partir dos dados coletados, considerando o conceito psicanalítico de transmissão psíquica e

justificando a presença (ou não) da violência física exercida pela figura paterna entre as gerações, dentro do contexto familiar. O adolescente do caso aqui exposto recebe o nome fictício de Bruno.

Resultados e Discussão

A produção do genossociograma de Bruno indicou uma história familiar bastante complexa.

Informações levantadas sobre a família paterna indicam que o avô faleceu quando seu pai tinha cinco anos, tendo este sido criado por padrasto. A morte prematura do avô deu-se em uma briga de bar, decorrente de jogo, seu hábito antigo. Do primeiro casamento, sua avó teve cinco filhos homens, entre eles seu pai, o quarto na ordem de nascimento. Com o marido atual, nasceram mais três filhos, sendo duas mulheres.

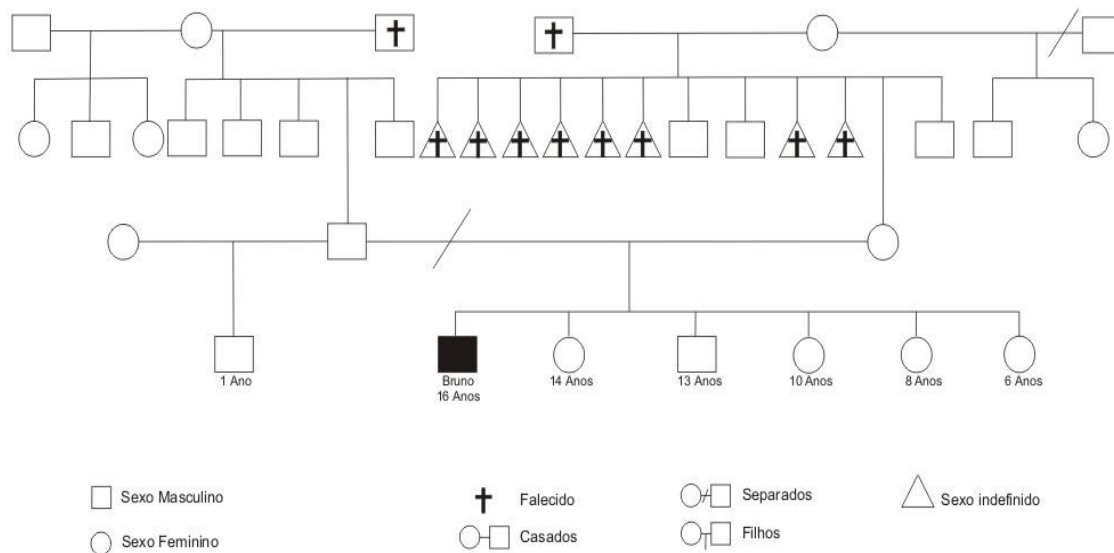
O pai de Bruno casou-se novamente e tem um filho de um ano de vida.

Em relação à família da sua mãe, as informações foram um pouco menos precisas. Bruno afirma que dentre os quatorze irmãos de sua mãe, oito morreram, mas não soube dizer as causas e nem o sexo deles. O avô teve uma morte considerada questionável até hoje pela família, pois foi fazer uma cirurgia e, na recuperação, passou mal e faleceu. Entretanto, sua avó não sabia o nome verdadeiro do marido, pois ele era envolvido em questões de jogo e pistolagem, sendo perseguido por muitos. Por esta razão, nunca viram o corpo do avô, que foi enterrado como indigente. Entretanto, na produção do genossociograma Bruno afirmou que a família questiona se o avô realmente morreu, se foi assassinado ou se está vivo até hoje, escondido e com um novo nome.

A mãe de Bruno tinha quatro anos quando o pai morreu e também foi criada por um padrasto, que deu-lhe dois dos quatorze irmãos que tem, ambos ainda vivos.

Sua família materna mora toda no Paraguai, por isso não tem contatos atuais. Diz ter saudades da avó, que morou em sua casa por um período, quando os pais ainda viviam juntos.

Eis o genossociograma de Bruno:



A vida e a morte de ambos os avôs, discutidas durante a produção do genossociograma, indicam o quanto a violência permeia a família de Bruno. O fato de descobrirem que o avô de Bruno vivia com uma identidade falsa faz com que toda a estrutura familiar também sinta uma dificuldade em relação à própria identidade. Bruno conversou com a mãe sobre as várias mortes existentes na família, mas ela não se disponibilizou a discutir sobre o assunto. Assim, há diversos fatores que possibilitam a existência de fantasmas no ambiente familiar materno, favorecendo a transmissão de questões não verbalizadas.

Vale ressaltar a informação de que, tanto o pai quanto a mãe de Bruno perderam a figura paterna em idades bem próximas e tiveram esta figura substituída por outra pessoa. Neste sentido, é possível pensarmos nas possibilidades de elaboração destes lutos e na possível interferência destas histórias na vida de Bruno e nas relações estabelecidas em seu ambiente familiar.

Durante a realização da entrevista, Bruno mostrou-se um pouco inibido, apresentando dificuldades em falar sobre o que pensa e o que sente.

A expressão “não sei” se fez presente no início da maioria das falas do adolescente em questão, indicando uma dificuldade em refletir sobre os temas propostos.

Os subitens formulados a partir dos dados obtidos com Bruno foram “a relação com o pai e com a violência” e “transmissão psíquica e masculinidade”.

A relação com o pai e com a violência

Ao discutirmos sobre o fato de Bruno ter assumido o papel de cuidador já iniciamos, de certa forma, reflexões sobre a relação que o adolescente em questão estabelece com seus pais. Entretanto, neste momento falaremos mais especificamente sobre seu contato com figura paterna.

Em nenhum momento apareceram na entrevista indícios de alguma forma de sentimento ou de envolvimento do pai de Bruno em relação ao adolescente. O que o entrevistado nos traz são poucas elaborações e reflexões, porém interpreta e traduz sentimentos do pai que não são evidenciados por ele. Para explicitarmos esta afirmação utilizaremos um trecho da entrevista já trabalhado anteriormente, mas que traduz com clareza a interpretação que Bruno faz da postura do pai:

E: Até que idade ele (o pai) te bateu? Quando ele parou de te bater?

B: Até uns 12 anos.

E: Por que você acha que ele parou de te bater?

B: Sei lá, porque ele ficou sozinho.

E: Ele ficou sozinho? Explica um pouco melhor, como assim?

B: Porque ninguém das crianças quis ir com ele. (após a separação de seus pais)

Ao afirmar que as agressões que o pai cometia sobre si cessaram porque seu genitor sentiu-se sozinho, Bruno se convence de que o pai precisa dos filhos. Apesar de não ter aparecido em nenhum momento da entrevista indícios de que o pai realmente sentiu esta solidão, este sentimento tem grande valor para o adolescente, como forma de negar qualquer possibilidade de sentir-se abandonado.

Também o fato de ir embora com o pai sem saber dar maiores justificativas para esta atitude retrata o medo do abandono.

Neste sentido podemos nos remeter a Levisky (1998) que discute sobre a independência do adolescente. Para este autor há a desvalorização dos pais nesta fase do desenvolvimento humano, como necessidade de se auto-afirmar, mas em contrapartida há

também a necessidade de carinho e de interesse dos pais pelos filhos. Entretanto, no caso de Bruno, há demonstrações indiretas de uma constante busca de aproximação, pois pelos relatos a relação estabelecida com seu pai sempre foi distante e com pouco afeto. Assim, ao invés do adolescente em questão se afastar em busca de autonomia, há a necessidade e a procura de aproximação, pois esta sempre esteve ausente.

A falta de afeto e contato é evidenciada em algumas falas de Bruno, como no trecho a seguir:

E: Como ele (o pai) te trata?

B: Bem.

E: O que ele faz pra te tratar bem?

B: Sei lá.

E: O que é tratar bem?

B: Não ficar xingando.

Percebemos, portanto, que o distanciamento existente entre pai e filho faz com que a concepção de tratar bem, presente em Bruno, se resuma a não tratar mal, sendo esta a forma de afeto compreendida pelo adolescente.

A necessidade apresentada por Bruno de receber atenção paterna nos faz pensar na representação que este pai tem para o adolescente. O pai real se contrapõe com o Pai Simbólico; enquanto aquele agride e abandona, este trata bem (no sentido de não tratar mal) e sente-se sozinho devido à ausência dos filhos.

A força atribuída ao Pai Simbólico, materializada na figura do pai real, possibilita um olhar peculiar para as agressões que o adolescente sofria do pai. Apesar de, em diversas situações na entrevista, Bruno considerar as surras que sofria como exageradas, em algumas outras demonstra tirar proveito delas:

E: E você escolheu ficar um pouco lá com ele (ficar com o pai após a separação). Você não teve medo dele te bater?

B: Não.

E: Por que não?

B: Ah, porque eu tava acostumado a apanhar direto.

Assim, o adolescente em questão aceitava ser agredido para poder ficar próximo de seu pai. Desta forma, podemos considerar que, na relação existente, a violência física adquire

caráter secundário e é aceita caso seja esta a condição para que o adolescente em questão seja notado pelo seu pai.

Ao discutirmos mais diretamente sobre a violência sofrida, Bruno afirma:

E: E o que você acha dessa atitude dele? (atitude do pai em agredir os filhos)

B: Tem vez que tava certo, tem vez que não.

E: Quando ele tava certo?

B: Só quando a gente fazia coisa que ele não gostava.

E: E quando ele não tava errado?

B: Não sei.

A partir desta fala constatamos mais uma vez a postura do pai sendo colocada com aceitação, pois para Bruno as agressões são corretas quando as atitudes dos filhos desagradam o pai, desconsiderando, com isso, qualquer sentimento ou olhar dos filhos agredidos.

Durante toda a entrevista Bruno não se posiciona em relação aos seus sentimentos e à sua forma de pensar e, no trecho acima, quando questionado sobre as situações em que as agressões não foram corretas, não soube dar uma explicação sequer, limitando-se a dizer que não sabia.

Em outra situação, a aceitação das agressões paterna também fica evidente:

E: E você acha que ele tem coisas boas como pai?

B: Acho que sim.

E: O quê?

B: Sei lá, o jeito de ele educar.

E: E como é o jeito dele educar?

B: Sei lá, bate toda hora.

(...)

E: E o que ele tem de ruim?

B: ...

Estas reflexões sobre os pontos positivos ou negativos do pai também mostram a complexidade da posição de Bruno em relação ao pai, pois ele coloca o jeito do pai educar, batendo toda hora, como uma característica positiva. Entretanto, silenciou-se ao ser questionado a respeito das coisas ruins encontradas em seu pai, não sabendo apontá-las.

Portanto, a postura de Bruno em relação ao seu pai é de uma busca constante de um espaço, na tentativa de fazer-se presente na vida de um pai que, em momento algum na entrevista, apareceu provido de qualquer sentimento, positivo ou negativo em relação aos filhos. O Pai Simbólico representado pelo pai real é aquele que, no olhar de Bruno, sente a falta do filho, é cuidado por ele, trata bem pelo fato de não mais bater e, quando o fazia, estava com a razão. Neste sentido, a violência sofrida adquire caráter positivo, pois aproxima pai e filho, sendo esta uma necessidade de Bruno.

Transmissão Psíquica e masculinidade

Durante as entrevistas não surgiram falas que afirmassem qualquer forma de vínculo de Bruno em relação à sua família, podendo-se considerar o mesmo quanto ao seu pai. Entre outros momentos, citaremos um que demonstra este distanciamento:

E: Tem algo que você olha para ele (o pai) e pensa: “não quero ser assim”?

B: Não.

E: E tem algo que você vê em seu pai e deseja ser igual?

B: Acho que não.

E: E você acha que você se parece com quem?

B: Com ninguém.

Em contrapartida, ao narrar alguns gestos que cometeu, Bruno nos dá indícios da existência de vínculos estabelecidos com a figura paterna.

Algumas semelhanças de comportamento entre pai e filho surgem no decorrer da entrevista, fazendo com que o discurso do adolescente caia em contradição. Ao ser questionado sobre as causas que levavam o pai a agredir os filhos, Bruno justifica que era pelo fato de ele ser muito nervoso, muitas vezes sem

motivo para a ocorrência de tal ato. Entretanto, quando conversamos sobre algumas características suas, estabeleceu-se o seguinte diálogo:

E: E você é nervoso?

B: Um pouco.

E: Conte um pouco sobre isso. O que te deixa nervoso?

B: Não sei.

E: E que atitude você toma quando fica nervoso.

B: Sei lá, xingo, bato.

E: E você é assim com quem?

B: Quando tô nervoso é com qualquer pessoa.

Outra manifestação da existência de um vínculo em relação ao seu pai é o movimento realizado pelo adolescente que indica uma grande necessidade de mostrar-se para o genitor, de estar com ele independente das agressões físicas. Neste sentido, podemos nos remeter ao vínculo de filiação, que leva o adolescente a acompanhar o pai, partindo do imaginário de que seu genitor sente-se sozinho sem os filhos. É importante ressaltarmos que em momento algum surgiram, nos dados obtidos, qualquer demonstração de preocupação por parte do pai, ou o sentimento de solidão por estar longe dos filhos, como afirmou Bruno. Portanto, quando levamos em consideração os vínculos, é possível conhecermos a realidade psíquica do indivíduo, ou seja, o seu espaço intersubjetivo e, conseqüentemente, sua relação com o espaço intrapsíquico. (Kaës, 2005).

Assim, a partir dos espaços psíquicos, é possível afirmarmos que a postura de Bruno em relação ao pai é baseada no espaço intrapsíquico, pois se refere à sua representação da figura paterna, independentemente das atitudes tomadas por seu

pai. As agressões físicas cometidas fazem parte do espaço intersubjetivo, relacionado com a interação existente com seu genitor.

Ao considerarmos que os espaços do aparelho psíquico interagem constantemente, é possível afirmarmos que a concepção de violência existente em Bruno é baseada no pai existente a partir do espaço intrapsíquico. Deste modo, podemos explicar a postura de Bruno diante das agressões vivenciadas:

E: Te incomodava apanhar?

B: Não.

E: Por quê?

B: Já estava acostumado.

E: Você já esperava?

B: Já.

Também podemos afirmar que a aceitação da violência cometida pelo pai se dá devido ao medo do abandono paterno. Esta reflexão nos faz remetermos à história familiar do pai de Bruno: quando ele tinha cinco anos de vida seu pai (avô de Bruno) foi assassinado e não demorou muito tempo a mãe casou-se novamente. Esta perda, vista pela criança como um abandono, pode não ter sido elaborada devido à substituição seguida da figura paterna.

Em relação a Bruno, resta-lhe manter-se em um vínculo idealizado, construído a partir apenas do espaço intrapsíquico. Portanto, os fatos existentes na vida de seu pai interferem geracionalmente na relação estabelecida com seu genitor.

Quanto à concepção de masculinidade, não surgiram correlações entre masculinidade e força ou virilidade. O choro após as agressões, tido por muitos

como impróprio para homens, foi discutido com tranquilidade por Bruno, que afirmou ter chorado várias vezes após as surras que levava.

Não soube dar definição alguma sobre “ser macho”, mas não hesitou em afirmar que ele o era. Em relação ao seu pai e irmão, colocou a situação da seguinte maneira:

E :E seu pai, é macho?

B: Não sei, acho que é.

E: Por que você acha que é?

B: Sei lá, porque é meu pai.

E: E seu irmão, é macho?

B: Não sei.

O trecho transcrito nos leva a refletir que a noção de “macho”, apresentada por Bruno, está relacionada ao ato sexual, pois justifica a masculinidade do pai devido ao fato de ter filho e não soube falar sobre a masculinidade do irmão, que tem treze anos.

Portanto, é possível afirmarmos que a noção de masculinidade apresentada por Bruno não está relacionada à virilidade social e nem ao fato do indivíduo pertencer ao sexo masculino e sim à virilidade sexual e às relações heterossexuais.

Conclusão

Os dados obtidos nos indicam diversos fatores a serem ressaltados.

Primeiramente consideramos a história familiar conhecida através do genossociograma. Há mortes trágicas de homens na família, como a perda do avô paterno, assassinado em briga de bar, além da dúvida em relação à morte do avô

materno. Assim, é possível afirmarmos que o ambiente na família foi repleto de situações violentas, além das vivenciadas pelo adolescente em relação aos seus pais. Estes fatores também nos fazem refletir sobre a postura dos homens nesta família, pois a violência sempre aparece relacionada com as figuras masculinas.

Ainda considerando o histórico familiar do participante, não há contato com nenhuma figura masculina que simbolize o patriarcado, pois Bruno mantém, juntamente com a sua família, a hipótese de que o avô materno não morreu e sim foi embora, o que também indicaria a falta de relacionamento com uma figura significativa no movimento familiar.

Houve o surgimento de dúvidas em relação à sua constituição familiar, não conhecendo exatamente suas estruturas até a geração de seus avós. O pouco contato causa, conseqüentemente, ausência de afeto e indiferença.

A violência física do pai sobre o filho é justificada como uma maneira de educar, já que apresenta indiferença e aceita apanhar se esta for condição de atrair o pai para perto de si, além de afirmar que também fará uso deste recurso diante de seus filhos.

Quanto à relação com a figura paterna, Bruno é submisso às atitudes e posturas do pai.

Não há uma definição exata de masculinidade, havendo a relação entre masculinidade e homem, no sentido biológico. O que podemos afirmar é que a masculinidade não foi colocada como sinônimo de força e de agressividade, apesar do histórico de violência relacionado com as figuras masculinas de sua família. Neste sentido, consideramos que o fato de o adolescente sofrer agressões físicas da figura paterna influencia em suas concepções de masculinidade, pois colocá-la como

sinônimo de violência seria se excluir da postura de “macho”, já que apanhou e se calou.

Bruno não abre espaço para as questões relacionadas à afetividade, apesar de aparecer claramente a necessidade de maior contato com seus respectivos pais.

Através da produção do genossociograma foi possível constatar que há histórias em sua família importantes que não são esclarecidas: Bruno não conhece as causas da morte de oito tios maternos, além da suposta morte do avô. Assim, há a possibilidade da existência de fantasmas neste ambiente familiar, a presença de “não ditos” que podem interferir inclusive na estrutura psíquica do adolescente participante deste trabalho.

As reflexões realizadas a respeito da transmissão psíquica levaram-nos a identificar uma forte idealização em relação à figura paterna. Assim, não há uma culpabilização sobre o pai quanto à violência sofrida, pois isto acabaria com o pai ideal, podendo causar, inclusive, uma desestrutura psíquica neste adolescente.

Referências

Dor, J. (1991). *O pai e sua função em psicanálise*. (D. D. Estrada, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Eiguer, A. (1985). *Um divã para a família*. (D. L. M. V. Fischer, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.

Freud, S. (1976). *O Mal-Estar na Civilização*. (Obras Completas, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927-1931)

Kaës, R.; Faimberg, H, et al. (2001). *Transmissão da vida psíquica entre as gerações*. (C. Berliner, Trad.) São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kaës, R. (2005). *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: Transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Laplanche, J. ; Pontalis, J. (1998). *Vocabulário de Psicanálise*. (3a ed.). (P. Tamen, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Levisky, D. L. (1998). *Adolescência: Reflexões Psicanalíticas*. (2a. ed.) São Paulo: Casa do Psicólogo.

Piva, A. (2006). Fundamentos teórico-técnicos para uma psicanálise vincular. In A. Piva et al. (Orgs.), *Transmissão transgeracional e a clínica vincular*. São Paulo: Casa do Psicólogo.